

8.01.99 – Linguística.

POLÊMICA, MÍDIA E RELIGIÃO NA RELAÇÃO COM A CRISE SANITÁRIA DA COVID-19

Nayara Gleyce Prates Amorim Santos ^{1*}, Edvania Gomes da Silva ²,

1. Mestranda do PPGLin da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

2. Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora e Pesquisadora do DELL – UESB/ Orientadora

Resumo

A proposta deste trabalho é analisar, a partir de alguns pressupostos teóricos da Análise do Discurso, um espaço discursivo polêmico que envolve três posicionamentos religiosos, os quais polemizam em torno da crise sanitária da COVID-19. O primeiro, defende que o coronavírus é o castigo de Deus. O segundo, nega o posicionamento do primeiro, mas entende a crise como uma oportunidade de evolução espiritual. E o terceiro posicionamento nega qualquer ponto de vista espiritual, defendendo uma visão científica e sanitária. Considerando que a religião constitui um domínio discursivo privilegiado para observar o funcionamento de um discurso polêmico, marcado pela relação entre posicionamentos que se opõem dentro de um mesmo campo discursivo, defendemos que tais grupos religiosos polemizam entre si por meio de simulacros e da negação polêmica. Para comprovar nossa hipótese de trabalho, analisamos formulações de textos, os quais apresentaremos na parte de análise. Salientamos que analisamos a polêmica com base na proposta de análise de Dominique Maingueneau.

Palavras-chave: Coronavírus; Discurso; Dominique Maingueneau. .

Apoio financeiro: CAPES.

Introdução

Em meio à crise sanitária da COVID-19, as reuniões religiosas foram afetadas com as determinações a respeito das medidas de isolamento social, na tentativa de evitar aglomerações, com o objetivo de conter o avanço da transmissão da doença. As reuniões, por concentrarem muitas pessoas, tornam-se um local de transmissão da doença. Diante disso, os veículos da mídia têm abordado as manifestações de grupos religiosos posicionando-se sobre a pandemia do coronavírus e, principalmente, sobre a concordância ou não em relação ao fechamento dos templos ou redução do número de reuniões de cunho religioso.

Nesse sentido, a forma como grupos religiosos entendem a pandemia do coronavírus, apresenta indícios de conflitos que envolvem ciência e religião, estabelecidos por discursos polêmicos que partilham o mesmo campo discursivo. Alguns grupos evangélicos defendem que o mal e o sofrimento são castigos divinos, por isso, atribuem esse cenário da crise de saúde pública ao castigo de Deus imposto ao homem, por conta do pecado da humanidade. Por outro lado, grupos religiosos Espíritas Kardecistas, negam o ponto de vista desses grupos evangélicos e acreditam que a pandemia deve ser entendida como uma possibilidade para se alcançar uma evolução espiritual. Outros grupos religiosos não coadunam com qualquer posicionamento espiritual atribuído ao cenário pandêmico, mas defendem que a pandemia da COVID-19 nada mais é do que o resultado de uma crise sanitária e de saúde pública.

A partir da perspectiva da Análise do Discurso francesa, mais especificamente, com base nos trabalhos de Dominique Maingueneau sobre polêmica discursiva, objetivamos analisar o funcionamento discursivo polêmico desses três posicionamentos discursivos.

Metodologia

Partindo, portanto, da hipótese de que existe uma polêmica entre os três posicionamentos sumariamente descritos na Introdução, o presente trabalho seguiu as seguintes etapas: i) coleta e seleção de textos que abordam a crise sanitária da COVID-19; ii) retomada do conceito de polêmica discursiva, proposto por Dominique Maingueneau (2005 [1984]); iii) catalogação dos dados, constituindo o *corpus* de análise; iv) análise de textos, publicados na Internet e produzidos por sujeitos pertencentes as denominações religiosas aqui abordadas, a fim de constatar, por meio de indícios linguísticos, como se constitui a polêmica discursiva no que diz respeito à pandemia da COVID-19; v) discussão dos resultados e elaboração das conclusões da pesquisa.

Resultados e Discussão

O enunciador evangélico presbiteriano, em uma postagem no site oficial da referida igreja, faz uma publicação que, segundo ele, busca provocar uma reflexão teológica sobre a comunhão entre os membros da comunidade cristã em tempos de pandemia. Neste texto, o referido enunciador define a pandemia como resultado do pecado da humanidade. Vejamos, a esse respeito, o excerto abaixo:

Excerto 1: A pandemia gerada pela COVID-19 tem mexido com os nossos relacionamentos porque, em um mundo quebrado como o nosso, relacionamentos sempre **sofreram com os efeitos da Queda** (Negritos nossos).

Conforme vimos acima, o enunciador apresenta a pandemia gerada pela COVID-19 como consequência da queda, ou seja, há, nesse sentido, uma concepção de que o mal e o sofrimento são consequências do pecado, parafraseado como “queda”, cometido pelos homens. Os sujeitos do posicionamento contrário a esse, afirmam por meio da negação, que tal concepção é um equívoco. Vejamos:

Excerto 2: É, pois, **equívoco acreditar que ocorrências provacionais, como os flagelos destruidores, naturais ou provocados, sejam catalogados como castigo ou punição divina**. Quem assim pensa tem de Deus **uma ideia antropomórfica /.../ e se fundamenta em preceitos teológicos arcaicos. /.../** É desse modo que Ele é nosso **Pai e Criador**: “Deus é soberanamente **justo e bom**. A sabedoria providencial das leis divinas se revela tanto nas menores como nas maiores coisas, e essa sabedoria **não permite que se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade** (Negritos nossos)

Excerto nº 3: Essa visão panorâmica dos processos de melhoria espiritual que o ser humano enfrenta, em decorrência de tragédias e catástrofes que atingem a Humanidade, **é consequência natural da Lei do progresso, que o faz evoluir intelectual e moralmente. Nada tem de punitivo nem reflete “ação demoníaca” como querem certas interpretações religiosas, que chegam até em falar no juízo final**, perante o qual os habitantes da Terra serão submetidos a um último julgamento (juízo final ou fim do mundo) (Negritos nossos)

No enunciado do excerto 2, o enunciador afirma que o discurso, segundo o qual os flagelos naturais são vistos como um castigo ou punição divina, não é compatível com o Deus em que a comunidade Espírita acredita. Por meio da expressão “tem de Deus uma ideia antropomórfica”, o enunciador produz um efeito de sentido de que o discurso agente (segundo o qual, o sofrimento é resultado do pecado), além de equivocado, atribui a Deus características humanas, e contra argumenta com essa suposta tese, afirmando que o mal é incompatível com Deus, visto que Ele é justo e bom. O enunciador ainda usa o termo “arcaico” para desqualificar os preceitos teológicos do discurso adversário. Dessa forma, o enunciador estabelece um conflito com o posicionamento contrário.

No enunciado do excerto 3, emerge um posicionamento segundo o qual a pandemia da COVID-19 “não tem nada de punitivo / nem reflete ação demoníaca”. Essa negação polêmica funciona como uma forma de refutar o simulacro que o próprio enunciador produz de seu adversário no espaço discurso. De acordo com esse simulacro, o discurso outro consideraria a pandemia como uma “ação demoníaca”, “um castigo” e/ou uma “punição divina”. Tal simulacro é elaborado com base na grade semântica que configura a identidade do posicionamento favorável ao fechamento dos templos. Nesse caso, o simulacro é reforçado por meio da negação polêmica, a qual, devido a seu funcionamento polissêmico, ao mesmo tempo em que apresenta um suposto argumento do adversário, invalida esse mesmo argumento. Vejamos mais alguns exemplos:

Excerto 4: A doença não escolhe vítimas por sua religiosidade (ou não religiosidade). Ela afeta a humanidade. E isso é muito, mas muito maior que qualquer fronteira. Precisamos ser **menos divinos e mais humanos**. Conclui o pastor José Barbosa Junior (Negritos nossos).

Excerto 5: Algumas religiões, **erroneamente**, acham que **fé e ciência são antagônicas**. Nada mais distante da verdade. A **verdadeira fé** é superracional e não **irracional. Caminha com a ciência e os conhecimentos**. Vai além (daí ser fé), mas sem negar a caminhada em conjunto (Negritos nossos).

No excerto acima, o enunciador desconsidera o ponto de vista religioso ao tratar da crise sanitária e, por meio da expressão “menos divinos e mais humanos”, marca um posicionamento mais racional frente à pandemia. A expressão “erroneamente” desqualifica o discurso que, segundo este enunciador, não consegue conciliar fé e ciência. No excerto 5, há a expressão “verdadeira fé”, que produz o efeito de sentido de que a única válida e verdadeira fé é aquela que condiz com o seu posicionamento.

Em síntese, os resultados indicam que existe uma relação interdiscursiva estabelecida entre diferentes posicionamentos: i) o posicionamento dos grupos evangélicos, apresentado aqui como discurso agente,

defende que a crise do coronavírus é resultado do pecado, portanto, um castigo de Deus; ii) o posicionamento dos Espíritas Kardecistas, apresentado, inicialmente, como discurso paciente, nega o argumento de que a crise seja um castigo divino e defende que o sofrimento é consequência natural da lei do progresso evolutivo espiritual; iii) o posicionamento de grupos evangélicos que reconhecem que a fé e a ciência são aliadas, e negam o argumento da punição divina como resultado do sofrimento causado pela pandemia. Esses diferentes posicionamentos assumem argumentos que vão em direções opostas e, até mesmo, antagônicas, mas, ao mesmo tempo, marcam o estabelecimento de redes interdiscursivas, as quais indicam, por exemplo, que, mesmo quando se nega algum enunciado, há, no bojo daquela negação, o estabelecimento de um diálogo interdiscursivo.

Conclusões

Este trabalho trata de alguns aspectos do discurso religioso. Nele, pretendemos mostrar, apresentando três posicionamentos antagônicos atribuídos a enunciadores cristãos, alguns discursos que circulam acerca da crise sanitária da COVID-19. Constatamos que, de maneiras distintas e conflituosas, instaura-se a polêmica entre esses posicionamentos.

Do ponto de vista linguístico-discursivo, os dados indicam que, por meio de simulacros, de negações polêmicas e de certas escolhas lexicais, essa relação, que é, como dito, conflituosa, vai se constituindo na própria construção textual. De acordo com Maingueneau, o discurso só é discurso quando remete a um sujeito e indica quem é o responsável pelo que se está dizendo. Neste sentido, um enunciado é apresentado como verdadeiro pelo enunciador, o qual se apresenta como responsável pelo enunciado, como o fiador de sua veracidade (MAINGUENEAU, 2004, p. 55).

Referências bibliográficas

MAINGUENEAU, D. **Análises de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba, Criar Edições, 2005 [1984].

COVID-19. Quando a fé contamina. (25 de março de 2020). Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/covid-19-quando-a-fe-contamina/>> . Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

Em tempos de pandemia, como fica a comunhão? (2020). Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/em-tempos-de-pandemia-como-fica-a-comunhao/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

Uma nova pandemia, conhecida como Coronavírus. (15 de julho de 2020). Disponível em: <<https://www.febnet.org.br/portal/2020/07/15/uma-nova-pandemia-conhecida-como-coronavirus/>> . Acesso em: 12 de fevereiro de 2021.

.